

TODA PESQUISA PERFORMANCE É UMA PERFORMANCE? A PERFORCARTOGRAFIA COMO AÇÃO DA PERFORMANCE

Thigresa Almeida (Universidade Federal Fluminense – UFF)¹

RESUMO

Partindo das produções da arte da performance – compreendida enquanto uma ação que se desenvolveu em diversas frentes desde os anos 1970 – e dos possíveis desdobramentos da linguagem, pretendo iniciar uma discussão sobre uma metodologia de pesquisa como um processo artístico-estético e político. Com isso, neste artigo, apresento algumas dos eixos que se apresentam como fundamentais para a construção da ideia da indisciplina associada a pesquisaperformance.

PALAVRAS-CHAVE

Indisciplina; Pesquisaperformance; Performance; Metodologia.

ABSTRACT

Starting from the productions of the art of performance - understood as an action that has developed on several fronts since the 1970s - and the possible developments of language, I intend to start a discussion about a research methodology as an artistic process-aesthetic and political. With this, in this article, I present some of the axes that present themselves as fundamental for the construction of the idea of indisciplin associated with researching performance.

KEYWORDS

Indiscipline; Pesquisaperformance; Performance; Methodology

¹Thigresa é pessoa não binária, performer, professora, e+. Graduada em Comunicação das Artes do Corpo (PUC/SP), mestra em Comunicação Social (UERJ), atualmente é doutoranda do Programa em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA/UFF). Pesquisa as genealogias da arte da performance (as perforcartografias) e as relações [im]possíveis com ações políticas, dissidências/dissonâncias de gênero/estéticas e implicações estético-políticas.

Desde que me posicionei enquanto uma artista da performance, em seguida, quando adentrei aos campos acadêmicos para desenvolver pesquisas que tangenciam a arte da performance. Ou ainda, quando me identifiquei e me reconheci enquanto uma pessoa não binária, me ocorreram muitos atravessamentos que me levam a refletir os caminhos que utilizo para a realização das minhas pesquisas. E quando eu me refiro a pesquisa, aqui quero enfatizar que estou indicando à pesquisa teórico-prática – mas que logo recusarei e vou explicar os pontos –, indisciplinar e àquilo que em algum momento me acontece enquanto uma pesquisaperformance.

Antes de adentrarmos ao que quero apresentar e sugerir enquanto uma pesquisaperformance vou me permitir realizar uma pequena digressão sobre a arte da performance e sobre a palavra corruptela “pesquisaperformance”, já que é sobre ela – a performance enquanto pesquisa – que sobrecaí os caminhos metodológicos que aqui quero propor a reflexão e a ação.

Alguns autores da performance sugerem que a linguagem pretende-se em seus recortes estéticos/conceituais uma possível aproximação entre: arte e vida. Essas duas palavras são redigidas nas bibliografias da performance de diversas formas: “arte-vida ou vida-arte”, “arte e vida”, “live art(e)”.

Dentre essas tentativas e proposições o professor, artista e pesquisador da arte da performance Ricardo Basbaum sugere a seguinte grafia: ARTEVIDA. Basbaum ao não escrever as palavras separadas, e transformá-las em uma única sentença acena para uma impossibilidade de deslocamento, separação ou descolagem da arte da vida – quando nos referimos a performance.

Então, de certo modo, a proposta que levantamos nestes campos das pesquisas acadêmicas que discorrem sobre a arte da performance é: a impossibilidade da separação e da realização de uma pesquisa que seja em sua criação uma performance.

Não trata-se de entender, fomentar e formatar pesquisas teórico-práticas, é lançar a pesquisa ao campo indeterminado – da indeterminação e do dissenso – do *work in process*, como sugeriu Renato Cohen, para no processo experimental expandir caminhos que permita a pesquisa alçar e alcançar o campo experimental, processual da pesquisaperformance.

A pesquisa enquanto processo criativo que impossibilita a separação entre artevida, assim a pesquisaperformance é: PESQUISAPERFORAMNCEARTEVIDA.

A PESQUISAPERFORMANCEARTEVIDA, também é em determinada direção a possibilidade da realização de uma pesquisa ação política – ação direta e ação estético política. Entendida enquanto uma ação de movência e tensão dos campos disciplinares, com a objetividade ao passo que a pesquisa permite o movimento em direção ao risco, à fuga e a criação de um processo experimental que se desloca entre as fronteiras, brechas e fissuras.

De antemão cabe dizer então que a PESQUISAPERFORMANCE ou PESQUISAPERFORMANCEARTEVIDA é em suma: a multiplicação de perguntas em detrimento a construção de respostas, ou seja, é a construção constante de um rompimento estético político que emancipa as dissidências (do dissenso) ao abandonar e abrir mão da norma.

É a PESQUISAPERFORMANCE, ao fugir de binarismos, que lança-se à indeterminação e o experimental, os dois campos que nos abrem à ideia de indisciplina, que quero de modo sucinto apresentar.

Sempre que vamos falar de indisciplina a palavra acaba por tomar uma proporção maior do que é necessário, a própria palavra em sua essência de indeterminação acaba causando pequenos tremores àqueles que costumam adentrar e localizam as suas pesquisas nos campos rígidos e deterministas.

Uma primeira questão a ser apontada e que deve ser leva em consideração sempre que uso a palavra indisciplina é que ela não está em oposição a nada. Muito menos da disciplina, então, afirmo sem nenhum receio ao erro que: a oposição da indisciplina não é a disciplina. E faço a segunda afirmação, também sem o receio do erro, neste mesmo sentido e digo: a oposição da disciplina é a própria disciplina.

O que sustenta a normatividade compulsória e binária da disciplina é ela própria. Parafraseando o acontecimento da narrativa/mitologia grega: a indisciplina de tanto se ver no reflexo da água se afogou na disciplina.

A indisciplina é ao mesmo tempo metodologia e prática estético política. Sendo impossível a separação desses dois eixos, cabe dizer então que há um tripé que a sustenta e está pautando na seguinte possibilidade: o distanciamento do equilíbrio; a rebeldia; e, o fracasso.

Então, atravessemos esses pontos de intersecção da indisciplina.

Num primeiro momento dessa travessia encontro-me com essa falta de equilíbrio propiciada pela vertigem, sensação da queda. A falta de equilíbrio vem na contramão da construção da expectativa de se chegar à estabilidade.

Ao mesmo tempo é por meio dos atravessamentos da oposição e do tensionamento da falta de equilíbrio com a expectativa que a indisciplina constrói um campo de ação e um território de possibilidade que transita entre a desordem, a monstruosidade (pautada pela não linearidade, e pela assincronia), e que foge dos regimes de domesticação - ou como falei na sessão anterior, da incaptura.

Essa fuga da linearidade e da domesticação é a experimentação (est)ética das tensões que podem ser produzidas desde as composições e decomposições, as collages e decollages², o senso e o dissenso.

Se fosse possível construir um diagrama triangular do “distanciamento do equilíbrio” poderia dizer então que ele está no eixo da continuidade:

[distanciamento do] equilíbrio – vida – desordem

Se articulando respectivamente no espelhamento ou sobreposição:

indisciplina – performance –

Nesta caminhada, o segundo encontro proposto é com a rebeldia. Que está relacionada e é de alguma maneira codependente dos campos da desconstrução dos campos institucionais. Poderia dizer então que a proposta de ação e reação da rebeldia é a negação dos territórios que insistem nas lógicas e nas dimensões pragmáticas e dicotômicas.

Ao negar esse processo de institucionalização por meio da rebeldia e da quebra da regra (ordem) construímos com a performance uma possibilidade intuitiva de fissura nos campos monodisciplinares não só da arte, não só da pesquisa em arte, mas das esferas arqueológicas emancipatórias.

E aqui explico, para que isso não se torne um grande ponto de interrogação, e fique plainando como uma questão irrespondível: as arqueologias emancipatórias é o que aqui estou chamando das construções de narrativas que se dão e se constroem nas trincheiras institucionais e institucionalizantes.

2A collage e a decollage são processos que se dão na performance. Entende-se por collage o processo de construção de uma narrativa não linear a partir do processo da seleção, picagem e colagem. Por outro lado, a construção da decollage se dá no movimento proposto por Wolf Vostel, artista Fluxos, que propôs uma experiência/experimentação a partir da destruição, da ruína e do desmonte.

Das trincheiras – que poderia chamar também de fissuras – emerge em emergência o que desejo vislumbrar enquanto um processo de tensão das organizações lineares.

Então, quando digo que a rebeldia é uma prática para além dos campos das artes e da pesquisa em arte quero me referir que ela (a rebeldia) é algo inerente ao corpo, é uma ação que transforma e transporta as oposições binárias. A rebeldia é uma ação estético política.

E, completando a travessia e o tripé: o fracasso.

O fracasso que pode ser visto sob uma ótica ruim, mas também pode ser uma inversão das lógicas e, no caso da construção da indisciplina é determinante para a quebra e dismantelamento das práticas sólidas. É a partir dele (fracasso) que podemos construir e inventar formas que fogem das normas punitivas e limitadores.

O fracasso é em si a invenção de formas e possibilidades de existências.

Descrito esse tripé de sustentação da indisciplina digo algo que pode estar passando pela cabeça e pelas visões críticas a essa visão de metodologia. A ideia do tripé não é sustentar algo imaterial – a ação estético política – que é no caso a indisciplina. Caso caia um dos pés eu fujo para o território da incaptura, e afirmo: a indisciplina salva a indisciplina.

Como há de se perceber utilizamos a imagem da caminhada pra construir essa travessia possível entre os campos que permitem a construção de um processo experimental referente a indisciplina. Como tudo que propus aqui, a ideia da caminha também foi intencional. A decollage que queremos produzir refere-se a uma: perforcartografia dos corpos negligenciados da performance. E a nossa caminhada perforcartografica segue esse rumo, mas nada garante que não vou me perder no meio do caminho.

Logo, cabe a terceira afirmação, não tardiamente, e a faço não na intenção de encerrar esse texto, mas pensando nas dobras e desdobramos que ele pode ter: a indisciplina é tudo que aquilo que assim como as não binariedades, como as dissidências e os dissensos não deveria existir, mas existe, no campo da indeterminação.

E é pela falta de controle que a indisciplina se faz indisciplina: ação estético política, desvio, travessia, se perder (não para se encontrar), experimentação, errância, nomadismo e com tudo isso, produzir a vertigem da PESQUISAPERFORMANCEARTEVIDA.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria B. (Bia). **Corpos Informáticos**: performance corpo política. Brasília: Editora UNB, 2011.

AUSTIN, John L. **Cómo hacer cosas con palabras**: palabras y acciones. Buenos Aires: Paidós, 1990.

BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

CARLSON, Marvin. **Performance**: uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Work in progress na cena contemporânea**: São Paulo: Perspectiva, 2006.

EASTERLING, Keller. **Desing de meios**. Coleção TRAMA: Zazie Edições, 2018.

FUSCO, Coco. **Guillermo Gómez-Peña**: el brujo de la frontera. In. *Máscara*. Buenos Aires, n. 17-18, p. 104-106, Abril-Julho 1994.

GUATARRI, Felix. **Fundamentos ético-políticos da interdisciplinariedade**. s/d

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1, 2019.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**: entrevistas e ensaio. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.